



Noites de Insónia

10 fevereiro 2021

Formador: Sérgio Guimarães de Sousa

VINTE DIAS DE AGONIA

Quis abrir um abismo na minha alma. Quis envolver-me nas trevas de angústia mortal. Quis imaginar as agonias dum homem, que, aos vinte e seis anos, cai na sepultura, depois de erguer-se

ao ponto culminante da vida e esperança. Vi-o morrer. Morreu como se a morte, seu único anjo de amor, lhe desse um beijo de paz eterna na hora final. Mas os vinte derradeiros dias foram a purificação daquele holocausto sublime, consumado pelas bagas dum suor frio, pelo cair duma lágrima glacial, pelo estorcimento convulso dos lábios, semelhante a um sorriso.

E eu quis compenetrar-me daquele santo martírio. Um mancebo, a escrever a página mais rissonha, a primeira página das suas esperanças, apaga as letras proféticas da sua ventura com uma lufada de sangue. Sente expandir-se-lhe o coração, e retraindo-se os pulmões. O espírito de asas arrojadas ala-se aos jardins infinitos da vida. O sangue estua-lhe nas veias, e depois refluí-lhe em borbotões aos lábios. O anjo cândido da vida ajoelha aos pés do anjo de aniquilação. A faísca eléctrica do amor quer alumiar aquela fronte, e a nuvem pálida da morte desluz o brilho dos encovados olhos!

Uma coroa de flores, e o capuz de uma mortalha!... O moribundo não pode escolher. Quer vencer o destino com as orações. Quer com as mãos convulsas segurar a vida, a fugir-lhe em cada suspiro. Quer sustentar-lhe os bagos da ampulheta que se esvazia. Quer suspender o pêndulo dum relógio, que lhe soa os derradeiros minutos da vida... Hás-de morrer, poeta! Hás-de morrer, amante! Hás-de morrer, mancebo, duas vezes desgraçado!

Morreu!...

Ninguém fala dele!... E eu tenho-o visto em sonhos. Passa silencioso por de sobre túmulos. A aragem, que faz gemer a ramaria do cipreste, ondula-lhe a mortalha branca. Não há gota de sangue naquela túnica. Tem feições marmóreas. Os olhos, suspensos na imobilidade eterna em que os deixara o ósculo da morte, vêm a majestade de Deus. Estende um braço sobre o mundo, que deixara, e assim vai, aquela visão dum sonho, através da vida, como o espírito de Deus sobre a negridão amorfa do caos.

É assim que eu o vejo, uma, cem, mil vezes. E hei-de vê-lo sempre, até ao dia do nosso encontro num mundo, onde viçam as flores regadas com lágrimas aqui.

Tenho chamado a uma santa eucaristia aquela alma errante. Quero a sua dor identificada com a minha alma... Quero a angústia dos seus paroxismos. Quero muito sofrimento. Que a minha alma, ilustrada pela dor, se abra em inspirações de vidente. Quero compreender-lhe as suas aflições. Que o seu espírito fale em mim! Que o frémito da sua mortalha, esvoaçando sobre os túmulos, seja a afinação deste cântico de agonias! Desce a mim, espírito de mundos invisíveis! Conta-me os segredos da morte.

I

Tenho amado tanto!... Era eu tão novo ainda, quando senti!... Aquela flor duma lindeza tão

pura, duma inocência tão grandiosa... MARIA!
Como eu a vejo ainda, lá ao longe, naquele horizonte da minha infância!... Eu tinha doze anos... Como era aquele meu amor? Sei que chorava... Era a profecia de todos os outros. Riam-se de nós... Porquê? Não concebiam que o meu peito pudesse conter uma alma grande! Oh, meu Deus! vós não marcastes espaço ao espírito.

Eu tinha uma alma ilimitada, como faísca da vossa imensidade, como raio nunca extinto da vossa luz!

Vives, Maria?

Quem sabe!... Nem eu sei já quem tu eras. Sei que te via nas salas, e a casa onde tu vivias não conserva hoje memória da tua existência ali. Já cismeï longas horas de uma noite de Abril, com os olhos fixos na janela, onde te vira doze anos antes! Espelhava-se um raio de luz na tua vidraça; pedi ao astro, que adorávamos ambos, o segredo da tua existência, e desfaleci na desesperança de ver-te um dia.

Morreste, Maria?

Nas valas do cemitério não vi teu nome, esse nome simples que eu conhecia! Meu pai era amigo íntimo do teu. Nossas mães abraçavam-se, contemplando nossos brinquedos. Mas meu pai e minha mãe saíram, há muito, deste mundo, e não me deixaram, em tamanha herança de sofrimentos, a consolação do teu apelido!

Viva, ou morta, Maria, és a imagem esvaecida no sonho duma criança! És um sorriso nos lábios

avaros da felicidade. Formosa mentira da minha infância, não te maldigo! Se não fosses tu, a minha alma não tinha uma flor, a minha mocidade não tinha um idílio, a poesia do passado, saudosa a tantos, seria escárnio para mim.

Sinto que entre os espinhos do meu coração, esterilizado pelos desenganos, se esconde a serpente da dor. Deixá-la espedaçar-me; que a flor, deixada lá por ti, é das que viçam na terra da sepultura. Irá comigo!

II

Envenenaram-me a seiva da vida, quando, vergôntea débil, eu principiava a florir! Não tive primavera. Desabrocharam em redor de mim tantas sementes que pareciam enfezadas no embrião! E vingaram todas. Fui eu só a árvore amaldiçoada.

Porquê?

Entreï, neste mundo, com o coração cheio de amor, com o amor santo de uma crença, com imensa candura de fé tão alegre para crer, para adorar, e para ser bom! Que mal faria eu a Deus, ou aos homens? Minha mãe era uma santa; meu pai era o anjo daquela mulher... morreram beijando o mesmo Cristo, oferecendo a Deus as mesmas virtudes, o mesmo amor, e os mesmos sacrifícios. Serei eu o holocausto de expiação das suas faltas? Não, porque um Deus caprichoso é uma blasfêmia!

Só, como a andorinha que perdeu o bando, como o náufrago que aportou sôzinho a praias despovoadas, achei-me aqui, anelante de amigos, sôfrego de corações, e ansioso de pai, de irmã, de lábios que me bebessem das faces uma das mil lágrimas do órfão.

Ninguém, meu Deus, ninguém!

Eu tinha ouro: desperdicei-o. Tinha inocência: corrompi-me. Tinha generosidade: dissipei-a. Tinha brios: depravei-me.

E considerei-me moralmente morto aos quinze anos.

Enojou-me a vida. Zombei da Providência. Atirei com a lama do lodaçal prematuro, em que me enlodei, à face da imagem de minha mãe. E disse muito alto, na presença dos homens, que este mundo não valia uma lágrima honrosa; que a chamada dignidade humana era um sarcasmo de hipócritas ao sofrimento.

Perdido aos quinze anos! Perdido para mim e para a sociedade! Tive horas de chorar-me! Oh! o homem é muito desgraçado quando tem compaixão de si!

Anjo da minha inocência, onde estavas tu? Envolta a face no véu fúnebre do luto, choraste sobre o meu cadáver, e voaste a velar no berço um inocentinho? Não o deixaste seguir os meus vestígios?

Anátema! eu sentei-me cansado, na minha peregrinação, olhei ao longe o caminho que deixava, e vi grandes infelizes que me seguiram!...

Meu Deus! o homem será mau desde o ventre materno? A organização será o instrumento do crime? Aquele grito de Job resumirá o longo gemido dos milhares de infelizes que se revolvem no caos das almas, onde, ó Senhor, não mandastes à luz que se fizesse?

III

Era uma alma privilegiada aquela mulher! O anjo da tristeza roçou-lhe na face, e marcou-a. Nunca mais a viram rir. As virtudes esfolhavam-lhe flores no seu caminho; e ela regava-as com lágrimas proféticas de infinita desventura. Pendia o colo em humildade de vítima. Procurava entre os homens o seu algoz. E via nas estrelas do céu as lâmpadas do altar do seu sacrifício.

Pediu aos túmulos que lhe abrissem o seio. E os túmulos responderam-lhe que não eram os mortos algozes dos vivos.

Pediu ao Senhor que lhe afastasse o cálice da agonia. E o anjo da consolação não desceu ao getsemani do anjo das lágrimas.

Encontrámo-nos a chorar.

«Vai teu caminho, filha do desgosto! Não roces esse manto poluído de manchas. Olha que a desgraça é contagiosa. O mau hálito envenena. Os meus olhos fascinam com o fulgor da ira. Vai teu caminho, e não perguntes ao forçado das galés o peso do seu grilhão!»

Quis caminhar e não pôde. Expulsei-a com a força da minha última virtude, e vi-a imóvel.

Fatalidade.

Erguemos um marco no nosso caminho. Assinalámos aquele encontro. Duas existências vinculadas ao mesmo poste da ignomínia. Dois corações varados pelo mesmo punhal!... Quem pôde separar a onda do murmúrio? Quem pôde separar a luz do raio? Vivemos assim, e não podemos assim morrer.

«Eu, dantes, via-te brincar com as flores, minha pobre amiga!... Levou-tas o norte, quando mal te amanheceu a mocidade... Por que não brincas?

Quem te disse a ti que eu detesto as alegrias dos que me rodeiam? Por que não folgas?

Quem te diz que as minhas lágrimas não bastam para encher a taça do destino? Não choras!...»

Chorava, sempre!

Queria dar-me a sua vida! Inocentinha, beijava os lábios, que lhe cuspiam na face! Pomba resignada, pousava na mão, que a ferira de morte.

Adorava-me com devoção ascética. Nunca me encarou com olhos enxutos. Nunca me falou sem o sobressalto do respeito.

Dizia-me:

«Deixa-me assim morrer... Não tenhas compaixão de mim! Ser-me-ia um céu esta vida se pudesses amar-me... Não há outra? Deixa-me

voar a um mundo donde possa velar os teus dias. Eu sei que és muito infeliz. A desgraça e o amor... repelem-se. O túmulo há-de atrair-nos, não é verdade?»

Aquelas lágrimas estancaram-se.

Não a vi morrer... Mas ao longe, muitas léguas distante daquele leito que entregava um cadáver ao esquife, na hora derradeira, senti o coração sobreexcitado.

E uma voz ouvi que me dizia:

«Morrerás daquela morte!»

Meu Deus! Deixai-me contemplá-la no raio de uma estrela!

As minhas últimas orações rezei-as sobre o seu túmulo. Eram o eco amortecido das orações de minha mãe.

IV

São cinco horas da manhã. Os sofrimentos do corpo e as dores do espírito parece que me trituram a existência átomo por átomo. Estou fadado de lutar com as agonias precursoras duma grande agonia. E, contudo, o homem é forte! Ainda tenho vida na inteligência, e energia na matéria. Posso ainda dizer que soffro. Posso ainda apertar a mão a um amigo. Dizer palavras de esperança e piedade a uma amiga. Reúno ainda as minhas reminiscências num ponto negro, que aumenta... aumenta até cerrar-me todo o horizonte da minha vida.

Foi-me preciso grande esforço para enervar

esta máquina, ainda robusta, quando o espírito a não impelia. Eu era ainda forte, quando o meu espírito vital se resumia nos instintos mecânicos da organização.

Aos vinte e seis anos envelheci na matéria, e aos quinze envelhecera na alma. Lutei onze anos. Hoje sinto-me combalido como o cadáver, que estremece ainda, electrizado pela faísca.

Sinto no peito uma consumpção vagarosa, mas dorida. Não sei que fruto de morte está sazonzando aqui ao pé do coração. Dissolvem-se as fibras que prendem o motor à roda da vida. Sinto em mim este trabalho, que produz um cadáver; este verme do coração, que me sorve o sangue, e mo despede em vômitos aflitivos.

MORRERÁS DAQUELA MORTE!

E Laura morreu tísica.....

.....
Vou escrever a Miquelina, amiga lacrimosa, organização angélica, sombra derradeira das minhas afeições... É um feudo do coração, que eu pago àquela rainha de mil vassallos, que desceu do seu trono de risos para ajoelhar no meu estrado de lágrimas.

«Miquelina! Repara bem nas tuas cartas. Cada uma é um sorriso das minhas consolações. Escreves-me, há seis meses, e não conseguiste ainda acender uma luz, diante de mim, neste subterrâneo de trevas onde caí. Se pudesses esquecer-me!... Miquelina! eu rasgo a aliança que fizemos. Dissolve o vínculo do sagrado juramento

que nos prende. Fica aí com a tua amizade, minha santa amiga. Dá esse tesouro dos anjos a algum mendigo de consolações, que possa aproveitá-lo. Ai! filha, eu não posso. O fim da minha vida vai ser uma enfermidade repulsiva. O leproso de Aosta não queria que lhe enxugassem as suas lágrimas. Fraqueza de homem, que inclina a fronte fulminada pela desgraça sobre o regaço de uma mulher... não quero tê-la! Que podes tu fazer, Miquelina! Chorar? Não há lágrimas de sangue que me regenerem... não se entram as portas da vida com esse baptismo... Não me julgas morto? Deus te permita um momento de elevação até ao meu martírio!... um momento só!.....

Não te disse eu que a imagem daquela mulher me esperava sentada na lousa do meu túmulo? Lá a vejo, Miquelina!... Se pudesses dizer-lhe que morro!... Não, não, pela tua honra, que a matas! Olha... não vês duas criancinhas, que lhe sorriem no colo? E depois... ai delas! Eu e tu seríamos os responsáveis de muitas agonias, que arrastariam à minha situação esses dois órfãos...

Adeus. Hei-de ver-te, quando puder erguer-me deste leito...»

V

É uma jolda de infames essa turba de biltres que volteia em redor de mim, contemplando, pasmada, os actos da minha vida.

Estúpidos, não ousam perguntar-me por que vivo assim. Devoram-se dum rancor selvagem quando não podem explicar as alegrias do espírito!

Esses homens saíram pela porta falsa dos bordéis, e vieram sindicar as minhas imoralidades.

Ao filho da inteligência, que arrasou as barreiras hipócritas das *conveniências*, chamaram-lhe devasso, através da máscara traíçoira da opinião pública.

Abri as vossas portas, fariseus da desonra! Queremos as orgias dos vossos salões! Vossas mulheres enlanguescem no torpor voluptuoso das Faustinas. Vossas filhas, prostituídas na alma, adjudicam-se ao mais hipócrita de vossos comensais.

Hortênsia foi vendida por seu marido, pontífice da moral do universo. Mas as vossas prelecções de decoro não encantam os ouvidos como as orações de Cícero. Tragai, silenciosos, o cálice da desonra: não apostoleis. Scarron viu a mulher nos braços dum amante, sufocou a afronta, e não veio às praças perguntar quantos eram os devassos amantes da devassa Ninon.

Não posso respirar a podridão do cadáver, embora a envolvam num crepe dourado.

Estes sórdidos, que se arreiam da libré beatífica de austeros, enojam-me. Digo que não há Deus, nem há justiça, quando o crime clandestino é abafado pelo ouro com que se enroupa. A sociedade absolve as infâmias do rico. As vir-

gens, arrastadas pela fome a um leito de ouro, não gravam com lágrimas na fronte do algoz um sinal de reprovação. Maldita seja a sociedade!... O homem é a desonra do Criador!...

-100Tenho febre...

.895Perdoai-me, testemunhas lagrimosas das minhas tribulações, almas queridas que me seguistes até este leito, última paragem da minha carreira!... Perdoai-me!

VI

Quando olho daqui para esses retalhos de vida que espalhei na minha trabalhosa carreira de dez anos, introverto-me, pasmo, e vejo em mim os destroços de uma luta dilacerante entre um anjo e um demónio.

No mesmo dia, e na mesma hora abençoei o mundo com saudações angélicas, e amaldiçoei-o com imprecações satânicas!

No mesmo dia, e na mesma hora busquei a felicidade na virtude, e saciei as minhas ânsias na voluptuosidade do crime.

Vi a mesma mulher vendada por amículo da inocência, e falsificada com máscara de impostura.

E estes homens, que se chamam meus irmãos, pela semelhança do organismo, chamavam-me: «visionário, extravagante e romanesco».

Escórias do espiritualismo, máquinas de deglutição, quem lhes permite rasgar a crosta de

matéria que os separa da região das almas? Quem pôde insuflar alma no molusco, que sente a dor sem a consciência da mal, que saboreia a nutrição sem a consciência da vida? Quem disse ao réptil que se elevasse do rasto da sua condição para acompanhar o voo da águia, que se roça pelo flanco das nuvens?

Eu sei que adormecia ao repontar da alva, quando a pálpebra, húmida de pranto, parecia ter contadas as lágrimas daquela noite.

E no dia dessa noite quantas ilusões me alvoreciam no seio, quantas esperanças eu colhia no meu imaginário jardim!

O amor, esta ânsia, esta sede sôfrega, este afogueado aspirar e arder... O AMOR... foi a minha vida inteira.

Ouvi palavras de mulheres, que as vendiam por uma pouca de vaidade. Vi sorrisos maquiados, que me pareceram expansões espontâneas do coração.

A mulher confundia-se com a atriz.

E, depois, vinha a hora da reflexão. O espinho da dúvida cravava-se na corda vibrada pela mão da poesia. O som da profecia perdia-se nas ruínas deste mundo íntimo, que me dera o estro. E a ave das trevas carpia, na longa noite da alma, os seus gemidos de desolação, pousada nas ruínas donde fugira, ao escurecer, a alva pomba da fé.

Quantas mulheres amei eu com devoção, com desesperação, com demência?

Não sei! Lembra-me que foram muitas, e que, no rápido fugir duma hora, amava com paixão impetuosa uma eternidade. Uma hora foi, muitas vezes, o espaço de tempo em que eu vivi com o entusiasmo, com o fervor de uma idolatria, por longos anos sofreada.

«Amar uma hora!» diziam, a rir-se, estes realejos inalteráveis, chamados *homens constantes*, que vos dão, todos os dias, a mesma música, as mesmas frivolidades glaciais, e a mesma simetria na disposição do seu programa amoroso.

«Amar uma hora!»

Estes homens-vegetais são como o cascudo tronco dum sobro de quatro séculos, que, na longa estação da sua vida, não viveu um minuto pela exaltação do espírito, e pela vibração da mais pequena de suas fibras. Os chamados «constantes» são assim organizados. Quando Lamartine lhes diz que o minuto dum homem tem mais vida do que os quatro mil anos dos cedros do Líbano, riem-se. E o riso alvar destes detraidores do coração primoroso, e, portanto, infeliz, tem alguma coisa em si que me contrista e nauseia. Envergonho-me de pertencer à espécie humana, quando o naturalista me diz que tal homem é meu irmão.

Mentira!

O espírito repele com raivosa indignação a ignomínia que a ciência impõe ao homem da inteligência, irmanando-o com a estúpida máquina, também chamada homem, porque ostenta uma

posição vertical, uma cabeça ativa, e umas pernas, que lhe dão domínio no espaço que calcam.

Chatterton será irmão do imbecil, que morre de fome, sem a coragem do suicídio?

Armand-Carrel, que morre varado de uma bala em desforço dum melindre, será irmão do carrasco, que recebeu a vida com a condição de exercitar a estrangulação, segundo a lei?

Joana d'Arc, a mulher que atravessa de vitória em vitória até vestir de lavaredas o seu espírito de fogo, será irmã dessa amante de Luís XV, que, ajoelhada no carro da morte, pedia às turbas que a salvassem do patíbulo?

Aristóteles! tu sim... Escreveste, há dois mil e duzentos anos, uma verdade eterna! ⁽¹⁾.

VII

Uma paixão, aos vinte e três anos, no homem que envelhecera, fatigado de abalos e desastres; uma paixão, que nos surpreende com um desmentido cruel à consciência em que vivíamos da nossa atonia de espírito, é uma transição da neve, que

⁽¹⁾ Há na espécie humana indivíduos tão inferiores aos outros, como o corpo é para a alma, ou o animal para o homem; estes seres são próprios unicamente para os trabalhos do corpo, e incapazes de fazerem coisa mais perfeita...

Arist. Polít.

nos regela, ao fogo, que nos abrasa... é uma suprema desgraça!

Foi na noite maldita daquele baile. Achei-me na presença daquela mulher.

Acobardei-me como aos treze anos. Estremeci. Amesquinhei-me à vista daquela frágil criatura, que tremia diante da minha famosa altivez de espírito. Um coração de rocha, fendido pela vara miraculosa da fatalidade, manava jorros de lágrimas.

Eu fechara-me num túmulo. A dor expansiva, a exuberância de fel, o ímpeto do homem vivo contra a lousa forçada, partiu-a! Respirei o ar da vida, naquele momento. Pareceu-me lindo o céu, e encantada a minha existência.

Hora ditosa, oásis santo do meu abraçado caminho, magia do céu, sorrir de anjos, remissão do meu inferno incomportável!

Devera ser a última aquela hora para mim! Fui homem então! Bendisse com devoção o meu Criador, que depusera no filtro das agonias todas as fezes do meu drama de crimes, e me julgara digno de uma hora de virtude, e me coroara de não sei que auréola celeste, e me abrira as portas do éden, e me dera a Eva da regeneração, para que a culpa que infelicitou uma pobre mulher fosse remida por outra!.....

Não posso! Tenho fogo no peito, e contorço-me neste leito sem encontrar a menos atribulada das posições!... Esta solidão é o remanso

do pensamento... mas a dor do corpo não me deixa a liberdade das reminiscências... Eu sofro muito!...

JÚLIA... Ao menos o teu nome... JÚLIA!
Que existência a nossa!...

VIII

Não podia ser minha... Venderam-na! Vítima humilde, beijou as mãos do sacrificador!... Matou em si as mil formosas vidas, que sonhara... Pendeu a fronte fulminada pela desgraça, e regou de lágrimas estéreis a algema de cativa! Pobre criança! Amanhecia-lhe o seu dia de beleza, e fizeram-lhe cobrir o rosto dum véu, que só devia erguer-se na presença de seu senhor! Nascera debaixo do sol europeu, nutrira o espírito da seiva do livro de Jesus, julgara-se emancipada da servidão ignóbil, vergonha das nações incultas, e aqui fizeram-na odalisca, serva de harém, segregada do mundo espiritual, e posta aí no museu de regalos, como coisa que representa um preço, um capital, uma propriedade!

«Era pobre e fizeram-na rica!... Deve ser escrava!...»

Almas sórdidas! Foi assim que me responderam os impudentes apologistas da chatinagem de mulheres!... Estes tais eram os *honrados* na aura popular. *Honra!*... Quando a civilização aniquilou os *coutos* onde o assassino, o infame, e o sacrílego se refugiavam, abrigados pelo privilégio do

nobre, veio o refúgio da *honra*, essa amarra de salvamento a que se apegam muitos bárbaros de coração!...

Era pobre: fizeram-na rica... Deve ser escrava!»

E é! Bem sabiam eles que a pobre mulher não respiraria um gemido na hora amaldiçoada da sua renúncia de coração, de pensamento e liberdade. Despida das galas, que a esperança lhe vestira à feição da sua alma angélica, Júlia sepultou-se. As trevas, onde a fizeram rainha, não contaram ao dia as suas lágrimas. O céu nunca mais recebeu o perfume daquela flor. E os homens, que a viram ir, toucada de rosas e diamantes, pensaram que as rosas fanadas valiam menos que os diamantes esplêndidos!.....

IX

Era tudo silêncio em redor de nós.

Vinha de longe um murmúrio. Era o eco da minha alma, que falava com Deus, além, no infinito dos céus. Era o som plangente da onda, que vinha trazer à praia a nota partida do hino santo, que sobe a Deus da amplidão dos mares.

Júlia sentara-se ao pé de mim, triste como Raquel, e silenciosa na sua angústia como a viúva de Naim.

Caía-lhe um raio de prata sobre o coral dos lábios. A alvura das faces empalidecia-lha o re-

flexo da lua. Nos olhos amortecidos via-se a beleza desbotada pelo delir das lágrimas. Mas era bela como a filha duma divindade! Era sublime de santa poesia!

A alma daquela mulher resumia, neste momento, as dores de longa vida.

Nascera para a virtude austera. Bebera nos seios duma santa o leite da religião. Afizera os ouvidos do espírito ao cântico da esperança, cuja nota final balbucia o justo no seio do Senhor.

E a violência empenhara-lhe a fé, denegri-
ra-lhe as noções da justiça, desmentira-lhe o
influxo da providência nos actos humanos, e dis-
solvera-lhe os vínculos sagrados que a prendiam
ao céu pelo sagrado liame da virtude.

E calara esta revolução dilacerante que sen-
tira em si.

Nem ela tinha um irmão, uma amiga, a quem
disse: «A virtude é mentira. Sofro resignada,
não por me aterrar da culpa, mas porque não
posso ser culpada!»

E este grito das entranhas, este estalar de
coração, que se parte pela fibra mais dolorosa,
fugira-lhe dos lábios, pela primeira vez, na minha
presença, a sós comigo.....

O juramento que eu fiz era uma renúncia da
minha alma com todas as suas aspirações.

Vi um futuro de flores, regadas de lágrimas,
mas... vi um futuro!...

Nessa hora senti esta dor, que me calcina o

peito... Ao transpor os umbrais da vida, encon-
trei a morte...

TÍSICO!...

E ela ajoelhou-se, pedindo a Deus, com ansie-
dade extrema, a minha vida! Inocente, ainda
tinha fé!...

X

Paz, meu Deus! àquela mártir,
mártir humilde, que chora,
só, calada em sua angústia,
e, inda assim, sofrendo, adora...

Adora os ferros que a pungem
adora as leis, que a sepultam
nesse abismo, onde tão raro,
nobres lágrimas se ocultam.

Adora o cálice da morte,
lenta morte imposta à escrava,
que sorri, se os lábios roça
no violento fel, que trava.

Sobre o seio, arfando em ânsias,
pende a fronte fulminada...
Ouve um grito... E a consciência
que lhe diz: «foste comprada!»

Vêu de luto inconsolável
cobre a face ao anjo expulso...
Vê que a honra imposta ao pranto
à desonra imprime o impulso...

Quer vencer-se... quer a vida...
Delirante, ansiosa, diz:
«Quero a luz, o ar e a esperança...
Quero a vida, e ser feliz!»

Olha em torno... vê algemas...
Olha ao longe, e lá fulgura
uma estrela... a *liberdade*...
Mas... ao pé... a *sepultura*!

Triste!... triste até à morte!...
O perfume destes céus
esta luz, o ar, a vida,
pobre escrava, não são teus!

.....
Quando eu me acolhia no regaço carinhoso
da musa dos túmulos, saboreava confortos de
paz, que já agora não sinto. Pedi à corda de
ferro do meu alaúde um cântico, que fosse o
último... o último que fosse o mais orvalhado de
lágrimas!... É um engano! A poesia não é a lin-
guagem do infortúnio... Nos gemidos não há
harmonia! Das notas, que fogem partidas ao
coração, não se formam hinos!

São gritos convulsivos de desesperado.

XI

Júlia! recordas aquelas noites, que passavam
como as sombras derradeiras da nossa felici-
dade? Não as viste, como o débil reflexo de uma

luz, que já não pode atravessar as trevas inter-
postas entre a esperança e o desgraçado.

Que doce me não era o chorar então! Os anjos
falavam-me naquelas melodias da música! Eu já
vi anos depois, que limpavas lágrimas, quando
os mesmos sons te acordavam na alma as doridas
reminiscências daquelas noites. Pensavas tu que
o anjo da saudade queimara as asas cândidas na
flama da paixão? Cuidavas que a saudade imor-
tal não renascia das cinzas nunca arrefecidas?

.....
E, depois, Júlia, eu não quis morrer no pro-
longado flagelo, com que a minha própria cons-
ciência me punia. Fugi de ti, como se foge à
desonra, como se foge às cavilações dum inimigo
traidor!

Debatiam-se numa luta de rancorosa vin-
gança duas facções, aguilhoadas pelo espinho
sangrento do interesse sórdido.

Alistei-me nas fileiras mais rareadas; ergui
do chão a arma, que caíra da mão dum cadáver;
perfilei-me no local onde se finara um homem,
que adorava a existência.

E as balas, em redor de mim, semelhavam
não sei que zumbido de demónios, que apupar
sarcástico às esperanças, que me trouxeram ali.

Sabes tu que a vida é uma zombaria à des-
graça?

E quando o sangue espadana as faces, e
quando o ranger dos ossos arrepiava as carnes, e
quando a cabeça do morto, impelida pelo pé do

vivo, bate, no fundo da cova, sobre o crânio partido do companheiro... então, Júlia, recrudecem os ódios à sociedade, faz-se o tédio no coração das ilusões da vida, nega-se a virtude e a honra, duvida-se de Deus e da justiça, blasfema-se de céu e terra.

E eu maldisse a hora do meu nascimento.

Chamei-te, e vi-te, ave do céu, librar as asas esplêndidas entre a nuvem cerrada dos vapores da polvorada. Ouvi o salmo cadencioso da tua voz, cantora do céu, por entre o silvar agudo das balas, e o reboar cavernoso dos canhões.

Misto do céu e inferno, lá ficam no lento arrastar da minha vida, esses dias em que a minha alma se avinculou à tua imagem, porque eu não queria abraçar a morte sem pronunciar o teu nome.

O adversário, que me varasse com uma bala, seria o sacerdote, e o fosso dos cadáveres o altar de nossas núpcias.

A morte escarneceu as minhas últimas esperanças!... Escarnecido sempre!...

XII

Dizem-me que, lá fora deste quarto, se respiram aromas da formosa natureza que renasce. O céu dizem-me que é azul como a superfície dum lago em tardes de agosto. O ar, temperado pelos raios tépidos do sol de abril, coa não sei que alegrias na alma, onde a poesia da primavera

rebenta em viçosas estrofes como os gomos da madressilva. Eu já senti o que eram estas galas do espírito, festejando a bem-vinda dos poetas, a fada radiosa de grinaldas, a inspiradora dos cânticos matinais, a virgem leda, que se assenta nas quebradas dos montes, esparzindo pelos valados perfumes de rosmaninho, e lençóis de águas cristalinas.

Hoje!... eis aqui a minha última paragem... Um leito requentado pela febre de três meses, e um ar impregnado desta bafagem tépida das exalações corrompidas do pulmão, que se desfaz!

Não me falem do sol, que eu tenho saudades do sol!... Não me digam, que fora deste filtro onde sinto coarem-se-me os átomos de vida na sepultura... não me digam que, fora deste quarto, há o alvorecer dum belo dia de março, um ar cheio de vida, um céu cheio de júbilos, e uma primavera fecunda de saudades e êxtases!

Ê matarem-me mais cedo!... é zombarem do moribundo, que não pode morrer tranquilo, se lhe disserem que o mundo é belo!...

Mentem!

O mundo é horrído como o aparelho dum cadafalso! Eu venho daí fugido, com as faces escorrendo sangue, com os olhos petrificados pelo terror, e com o coração cheio dum amor impetuoso, e exausto de alentos, que me amparem na esperança de ser feliz uma hora!.....

Sábios da terra! vinde aqui ao leito dum man-

cebo, que vos quis acompanhar os voos audaciosos!

Sábios da terra! dai uma esmola de ciência a este mendigo de consolações, que bateu às portas do mundo, rico de confortos, e foi repellido como o pobre da parábola de Cristo!

Sábios da terra; dizei-me se o homem acaba no homem; se a campa é o último alcáçar desta realeza, que tem por dossel o firmamento cravejado de milhões de lumes!

Sábios da terra! dizei, se passados alguns dias, este corpo, ulcerado pelos vermes da enfermidade, vai ser o vil pedaço de barro, que o gusano dos túmulos acaba de pulverizar!

Dizei-me, oráculos! É mentira a alma? É mentira Deus? É mentira os mundos, que lá em cima caminham, como caravanas, que levam regiões de espíritos à região do Supremo Ser?.....

PROFISSÃO DE FÉ DO SÉCULO XIX ⁽¹⁾. Aqui está um livro, que resume os trabalhos da inteligência humana, desde que as gerações tiveram a consciência da sua história, e a tradição do seu princípio. É este o fecho da abóbada para a qual todo o homem inspirado conduziu uma pedra. Eis aqui a profecia do último profeta. Consultemos a sibila, que fala em nome das gerações idas às gerações vindouras. Consultemos o arcanjo da civilização, que faz soar a trombeta, e chama os homens à ressurreição da ideia, morta

⁽¹⁾ De Eugénio Pelletan.

nas agonias do materialismo. Paremos diante de Jericó, cidade da mentira e da superstição. O Josué restaurador fará soar a trombeta; e veremos então a terra da Promissão, o reinado do espiritualismo! Que fale o profeta deste século, e eu possa adormecer no meu sono eterno, acalentado pelo seu hino!

«⁽¹⁾... Mostrei-vos a vida humana sobre o planeta, mostrei-vo-la cada vez mais activa, cada vez mais expansiva no tempo e no espaço, cada vez mais divina pelo sentimento e pela ideia, cada vez mais independente da natureza e da matéria, cada vez mais espiritual, íntima, e pessoal, enfim. Mas é isto bastante? O progresso, debaixo do sol, limita-se ao facto vivo, ao homem carnal, que vemos e apalpamos? O nosso destino resume-se num átomo que se esvai num túmulo? A morte é o termo derradeiro desta magnífica Iliada do progresso, que eu desenrolei perante vós? A aparição do homem na cena de Deus termina por uma brincadeira?

Eis aqui um criador de ideias, um génio. Viveu e pensou. Subiu tão alto quanto pode subir um homem. Entreviu, pela ascensão da sua inteligência, um ideal imenso. A sua visão inspirou-lhe necessariamente imensos desejos. A morte vem no auge da sua aspiração — da mais sublime explosão do seu destino. Extingue-lhe da retina o raio luminoso, sufoca-lhe nos lábios a palavra,

⁽¹⁾ Cap. XXXI.

apaga-lhe no corpo a electricidade e a luz, arrebatá-lhe os instrumentos da vida, e repele com o pé o resto ao nada.

O *nada!* Que palavra eu disse, amigo! O *nada!* O ser, em toda a sua plenitude, repugna e foge a tal pensamento. Instinto, razão, sentimento, consciência, tudo em nós, até à última fibra do corpo, protesta contra nossa própria destuição. O *nada!* mas então Deus não exaltaria os melhores, os privilegiados do espírito à contemplação do seu esplendor e da sua sabedoria, senão para precipitá-los de mais alto num castigo terrível! Aperfeiçoaria, sem cessar, a vida: impulsá-la-ia incessantemente para o progresso, para abandoná-la depois, em meio caminho, ansiosa e desesperada? Imporia ao homem a ciência, a meditação, esta virtude da alma, unicamente para ter lanço de impor-lhe mais imprevista pena o requinte do nada!

Mas, se o nada fosse o derradeiro termo do ser, porque seria tão longa a viagem a tal fim? Porquê tamanhos esforços por chegar finalmente a ser aquilo que todos são de per si, sem empenhar esforços? Por que criar a humanidade para a deixar interrompida, suspensa, sem significação possível, sem conclusão? Por que principiar uma criação para suprimi-la? Deus teria de principiar por onde acabou — pelo nada. Não teria ao menos feito o homem testemunha da sua impotência ou da sua injustiça. Em verdade não sei porque discuto o nada!... só a palavra é uma

blasfémia! Graças a Deus, neste instante, discutimos com o silêncio, porque o completo aniquilamento da vida humana não tem, no século XIX, um só filósofo.

O homem de nossos dias crê na vida futura. Porém, como, com que sol, com que forma, em que teatro? Eis aqui toda a questão. Vou examinar rapidamente convosco cada sistema de per si.

Há uma escola, que pretende que o grande todo humano, o grande Pã, é o único imperecedouro, o único imortal; que cada vida, individualmente tomada, é uma manifestação, que vem, passa, foge, desaparece sem jamais voltar. Dada a morte dum homem, a natureza retoma a matéria que emprestou. O corpo torna ao cadinho de misteriosa alquimia. Cede a outros seres a sua molécula. Flutua disperso no espaço. É árvore, flor, rochedo, húmus, sopro, nuvem, vapor.

Pela mesma razão, e da mesma maneira que a natureza retoma, átomo por átomo, a matéria — a humanidade que é para o espírito o que a matéria é para o corpo humano — sua universalidade e unidade — retoma a alma, depois da morte, pensamento por pensamento. Um génio, Orfeu, por exemplo, é morto. As ménades dispersam ao longe os pedaços do seu cadáver. Sua cabeça, levada na corrente do tempo, murmura ainda uma palavra eterna. O espírito humano revive assim em cada ideia, em cada lição que ele emitiu, e transmite desde o seu alvorecer até ao seu ocaso

de luz. Assim a imortalidade de Homero é a sua poesia.

Ninguém por certo negará esta imortalidade. Sim, uma parte da nossa alma fica na terra, depois da nossa existência. Flutua indefinidamente de metempsicose em metempsicose, incessantemente retomada, contínuo aviventada por uma nova geração. É a nossa sobrevivência aqui; nossa perpétua presença entre os vivos. Quem quer que tu sejas, ilustre ou obscuro, desde o momento em que pregares o bem e o bom, a uma criança que seja, serás sempre presente a esta alma assinalada por tua mão, e impregnada de tua palavra. Mas será isto verdadeira imortalidade? Um nome, uma lembrança, uma palavra, um eco disperso, errante, à ventura, na memória?... A obra seria, então, mais imortal que o obreiro, um minuto de vida teria mais poder que a vida inteira. Dizei antes que o efeito é superior à coisa, que o movimento é superior ao motor, que o espírito comunica a sua duração ao acto, mas que a renúncia, que a perde, como a abelha abdica a vida no fermento, que faz. Mas não! A consciência protesta contra semelhante paradoxo do destino... Se o génio é imortal na sua criação, o *eu* humano, que constitui esse génio, é imortal também.

Uma outra escola, que mais respeita a esta nonada ⁽¹⁾, a esta entidade íntima que denomi-

⁽¹⁾ Segundo Leibnitz — o elemento simples dos corpos.

namos «nossa alma», nossa personalidade — afirma a ressurreição, a perpetuidade do homem, mas sem a memória, ou com a memória confusa do seu estado passado. Esta escola argumenta por analogia, e diz: se o indivíduo deve viver ainda, é que já viveu; porque a imortalidade repele a ideia de fim e de princípio. Ora, aqui em baixo, não há algum conhecimento de vida anterior, além das entranhas maternas; logo a vida anterior é para o homem um estado imperceptível.

Mas, sem a memória, a ressurreição o que é? Que é a personalidade, sem a consciência?

Não é um ente ressuscitado que vós mostrais, um ente continuado — é um ente de nova criação, um ente novo. Entre a imortalidade e o nada qual é a diferença? O que eu aí vejo é um *nada* num círculo vicioso. Inútilmente, para repelir a objecção, quereis renovar a doutrina da reminiscência confusa, inventada por Sócrates, quando os vapores da cicuta lhe toldavam o cérebro. Apagais a lâmpada, e deixais a torcida que fuma ainda. Que quereis vós que eu faça duma cintila que não brilha, duma memória que nem sequer se lembra da sua identidade?

O homem, dizeis vós, não tem a consciência do seu estado anterior. Tendes razão; mas que quereis concluir daí?

Não sabeis que a vida é progressiva, que marchou, lenta e sucessivamente, do fluido ao mineral, do mineral à árvore, da árvore ao animal, antes de chegar ao homem, seu último termo, seu

último progresso, e que só no homem tem conhecimento da sua entidade? Não direi que ela tem uma memória; mas uma consciência, sim. Por que é que quereis que o homem possua uma personalidade em uma época em que a personalidade não estava ainda formada? quando errava ainda debaixo de formas preparatórias, e através dos limbos obscuros da sua existência?

Uma terceira escola, tradição prolongada do bramanismo em nosso século, diz que a vida imortal é uma encarnação sucessiva da alma em um outro corpo, uma emigração, uma palingenesia perpétua do indivíduo no seio da humanidade. Se esta metempsicoce fosse possível, todo o sofrimento seria legítimo, porque seria a consequência, a expiação de vida passada. A caridade veria no homem desgraçado o crime de outrora. Recearia ela, estendendo-lhe a mão, rasgar antes de tempo o decreto do Senhor. O progresso paralisaria, pois, para certos homens, para certos génios, que lugar encontraríeis vós?

Ó Platão! ó meu mestre! ó apóstolo santo do idealismo! como se daria que, todas as vezes que tomasses debaixo do sol um manto vivo e um nome de homem, cumprisses um progresso, de ti para ti, em graça, em poesia, em profundidade, ó tu, que há longo tempo, estás sentado na tua cadeira ebúrnea, ó maior e o mais inspirado entre todos os filósofos teus sucessores?

Decerto, há aí — e eu sou o primeiro a reconhecer-lo — continuamente, transmissão do século

ao século, do pai ao filho, de todas as ideias e de todas as noções do passado. Se neste instante, abrissemos a alma de cada homem promovido à inteligência, e lhe decompuséssemos cada fibra constitutiva, encontraríamos aí, camada sobre camada, as ciências diversas, as diversas verdades, que a série inteira das gerações encontrou sucessivamente. Aí veríamos, que cada um de nós, em tal ou tal ideia, é alternativamente índio, hebreu, assírio, grego, romano. Neste sentido, mas só neste sentido, a vida individual, elevada, em nossos dias, ao máximo da inteligência, é a encarnação de toda a humanidade. É por isso que a humanidade é eterna, que não tem passado, nem presente; e que a vida e a morte, no ponto de vista intelectual, formam um só pensamento sempre vivo, sempre idêntico, sempre continuado. Mas esta metempsicose é a encarnação da obra na alma, e não a alma na sua essência. Procede não por via de geração, mas por via de educação.

Enfim, uma quarta escola, puramente mística, proclama que a alma, depois da dissolução dos corpos vai receber directamente em Deus a sua recompensa. Exalta-se a um céu invisível, incorruptível, para viver a sua eternidade fora de toda a manifestação, de toda a condição de espaço, em uma completa imobilidade, em uma completa imutabilidade, ignorante ou sábia, inculta ou desenvolvida, pouco importa, participa igualmente, pela adoração e contemplação, da beatitude e plenitude da Divindade.

Esta vida imortal, se pudesse existir fora de uma imaginação exaltada pelo ascetismo, seria evidentemente a comunidade — ainda mais — a promiscuidade da ressurreição. Seria igual a remuneração, a felicidade nas almas desiguais em virtude e em conhecimento. Suprimindo a ideia do espaço, suprime-se a ideia de ser, e a relação do finito com o infinito suprimindo o progresso. Não pode conceber-se o ente vivo sem concebê-lo activo, e activo sem concebê-lo agente, desejoso, mudável, passando duma a outra forma, dum a outro pensamento. Mas o homem perdido, esvaído em Deus, sem desejo, sem mudança, eternamente cheio da sua própria eternidade, ou seria o infinito, ou seria o *nada* de joelhos diante do infinito. Eu não me canso a discutir esta hipótese. Remeto-a a toda e qualquer doutrina, que supre com o milagre o argumento.»

XIII

A leitura fatiga-me. À hora da morte, estudar o segredo da morte é muitíssimo doloroso. A mão quase arrefecida pelos gelos do cadáver, não pode já erguer a cortina do santuário dos túmulos. Ainda assim... é necessário criar uma esperança!... Eu quero a imortalidade! Preciso que esta ânsia da minha alma se não quebre debaixo duma pedra! Quero uma flor no céu, orvalhada com as lágrimas, que eu derramei aqui num chão estéril. Oh, meu Deus! a minha coroa de espinhos

não seria nunca um diadema glorioso da vossa justiça!

Deixai pois perguntar ao padecente, que conta, no oratório, os escassos minutos, se os horizontes da vida são marcados pelos postes do seu cadafalse!...

Responde-me tu, homem de Deus, inteligência de anjo vidente dos destinos que traduzes, talvez, na terra, a página, que leste nas estrelas do céu!

«A humanidade crê na imortalidade com uma crença irresistível, eu o sei, de diversas maneiras e por diversas razões. Mas esta diversidade não ofende; pelo contrário confirma a crença. Nenhuma hipótese é absolutamente falsa, como podemos já prová-lo. Cada teoria contém uma parcela de verdade. Eu vou mais longe, e acrescento: longe de rejeitar a previsão, por não dizer a presciência de uma vida ulterior além da agonia, como uma quimera, como um erro destinado a fugir diante da inteligência, o homem reconheceu sempre, e proclamou, cada vez mais na razão directa do seu aumento de razão, a realidade, a necessidade da ressurreição. Quanto mais vivia, mais a vida, rica de sentimentos e ideias, lhe raiava no futuro, gloriosamente reflectida em um outro hemisfério de existência. No princípio, ignorou a imortalidade; mais tarde, entreviu-a; mais tarde ainda, afirmou-a; mas como a civilização de então era, sobretudo, material, o homem proclamou simplesmente o renascimento da matéria. Só o corpo ressuscitava, e cumpria as sim-

ples necessidades corpóreas em outro teatro. Bebia, comia, pelejava, dormia. E, à medida que o progresso, sem cessar crescente, elevava o homem pela inteligência, e subordinava a sensação ao pensamento, a fé no mundo futuro tomava um carácter mais ideal e moral, de certeza. O homem via na imortalidade a sanção do seu destino aqui, a sua remuneração. Compreendia que a sua segunda existência avançaria necessariamente no sentido do progresso, continuaria a primeira existência ampliando incessante em si, e em redor de si, a personalidade e a ideia.

Assim, a crença na imortalidade é progressiva como a humanidade, como a civilização. Esta prova devia satisfazer o espírito. Mas o espírito é mais inquieto, quer ir além: saber de baixo de que forma e sobre que cena deve reviver. Assim posta, é insolúvel a questão — convenho eu nisso; porquanto, para conhecer uma outra vida, é preciso vivê-la; para conhecer o segredo da morte, é preciso morrer. Queremos que a alma viva duas existências: a que é, a que não é ainda. Ah! meu Deus!... vivamos, e esperemos. Tenhamos confiança... e não nos impacientemos com a nossa eternidade. Entremos numa outra vida, como entrámos nesta, com os olhos fechados.

Contudo, esta resposta não satisfaria a minha consciência. Eu devo ainda uma prova à necessidade da certeza. Eu posso achar na vida actual a presunção da futura, e concluir por dedução. Porquanto, se a imortalidade é uma prolongação,

e não um rompimento do ser, começemos por investigar o ser continuado, e poderemos pressupor a continuação.

Esperar a imortalidade? — não me exprimi bem. Não temos necessidade de esperá-la para proclamá-la, para vê-la tão invisivelmente como no dia do nosso enterro. Realizamo-la, cada dia, em nós: possuímo-la já. Temos uma faculdade íntima, misteriosa, que denominamos com um nome vago, e muitas vezes falso — a memória. Lá vem sucessivamente, e sem interrupção, fixar-se, aliar-se, tudo o que vimos, sentimos, aprendemos, quisemos, conhecemos e amámos. Não há em nós uma acção, uma virtude, uma falta, um conhecimento, uma ideia, que lá não vá e aí não fique insculpida como na lâmina de prata do tabernáculo. E a memória o que é que recebe na hora, que passa, em sua dobra profunda? É o facto puramente físico, accidental, contingente, passageiro, o repouso, o movimento, o dormir, o sonho, a nuvem, o ruído, a flor, a comoção do momento? Não. A hóspeda desdenhosa deixa ir, e fugir a sensação a todos os ventos do finito. Acolhe, pelo contrário, e acumula preciosamente tudo que participa, de perto ou de longe, com a ideia de infinidade, de eternidade: a ciência, a poesia, o entusiasmo, a verdade, a beneficência. Uma vez entrada na memória e transfigurada por ela, a recordação é imortal! Não aproveite ainda, mas esperai:

Em verdade o acto anterior à recordação per-

tence exclusivamente a um espaço e a um instante dados; mas, uma vez convertido em recordação, não pertence nem a este nem àquele dia, nem a este nem àquele lugar... Está sempre presente, sempre inteiro. Pode ser evocado sempre, sempre recordado. E como é que a língua humana denomina o que está fora do tempo? Denomina-o imortal, creio eu. E onde nutre a recordação a sua imortalidade? No seio da memória. A memória é uma, inteira, idêntica, independente do local e do tempo, hoje o que ontem era, reproduzindo e regenerando sempre da mesma maneira, sem mais nem menos, a noção, a verdade que ela, uma vez, adquiriu. Eis aqui um homem distraído na impressão do momento, vagando de sensação em sensação. Vive no exterior. É músico, supponho eu. Um sinal revoca-o à orquestra. Acorda em si o pensamento, e a harmonia salta do seu instrumento, e ele tem a certeza de encontrar, em qualquer instante da sua vida, a sua ciência. Confia na sua memória como se ela fosse já, nesta vida, uma imortalidade. Começais a compreender o mistério? Prossigamos.

Este ser interior e constante, que sentimos sempre, e que denominamos memória, é, pois, desde esta vida, o ser imortal, ou antes o embrião destinado à imortalidade, que nós propriamente formamos e constituímos, cada dia e cada hora, com nossas obras, estudos, aspirações e virtudes. Todo homem na terra por decreto divino é o criador da sua própria eternidade, ou, mais exac-

tamente criador do lugar que ocupará na eternidade. Tal lugar não o recebe das mãos da morte; conquistou-o de antecipação.

Neste mundo, toda a acção participa da ideia da infinidade. Quanto maior quantidade de raios desta infinidade misturardes à vossa existência, e maior heroísmo e entusiasmo empregardes nas funções da vossa imortalidade, tanto mais verdades e simpatias tereis em vós, como estâncias ascendentes, que vos elevam ao céu; quanto mais vos engrandecerdes em essência e força, e maior testemunho derdes da duração, tanto mais profetizareis à vossa alma séculos de esplendor. E quando entrardes na morte... — não digo bem — na vida eterna, Deus se levantará para receber-vos.

Onde, e em que grão de pó? Não sei. Há-de o homem, seguramente, ignorá-lo sempre. Mas, pela irresistível lógica da ideia, eu creio poder afirmar que a vida imortal terá o espaço infinito por lugar de peregrinação, porque a eternidade e a imensidade são de tal sorte solidárias, de tal sorte dependentes uma da outra, que, apenas, interpelada e chamada uma, invoca e espera sempre a outra, como sua inseparável companheira. O homem irá, pois, continuamente de sol em sol, subindo sempre, como sobre a escada de Jacob, na jerarquia da existência; passando sempre, segundo o seu mérito e seu progresso, de homem a anjo, de anjo a arcanjo. Mas esta migração perpétua no seio do espaço é possível, e acessível à

razão? Vede: cada mundo está rodeado de insondáveis precipícios. O dedo de Deus interpôs um passadiço duma a outra margem, para o trajecto da larva errante da alma, que foge do túmulo.

Aceito a objecção. A alma humana, bem o sei, não pode viver em parte alguma sem estar envolta na natureza, ou em substância da natureza. Mas, para responder a tal dificuldade, a ciência não depôs em nossa alma uma suspeita, ou mais que uma suspeita? A fisiologia não provou já que a alma, sequestrada da matéria, de nenhum modo em contacto com ela, ainda a domina por meio dum mediano, que se chama o fluido nervoso, e reside no cérebro no centro deste fluido? A ciência não provou ainda que o fluido nervoso era exactamente o fluido eléctrico, modificado somente pelo organismo vivente; de sorte que se possa dizer que a electricidade é o primeiro invólucro da alma, e a sua atmosfera? Sobeja-me esta prova. Como a electricidade está universalmente derramada no espaço, posso supor, sem demasias de temerário, que a alma avança ao nível pelo espaço, sobre o fluido eléctrico, como sobre o solo duma mesma esplanada.

Mas, se assim é, se devemos sempre subir, em coluna radiosa, de estrela em estrela, de transfiguração em transfiguração, para uma contínua plenitude de amor e de inteligência, de que serve a existência da personalidade? A que vem a memória? Por que levaremos connosco lembranças do que fomos? tal memória, avivando-

-nos a lembrança duma falta ou duma fraqueza, não será uma obsessão, um sofrimento? Respondo: não. Se a recordação é um remorso, é um testemunho da nossa grandeza. Pois o remorso o que é? É a reacção da virtude contra o crime. É o trabalho da consciência contra o mal para trazer o mal à inocência. É o fogo purificador, que devora a mácula: é o redentor. É um merecimento, depois da sua obra. Se a recordação, pelo contrário, nos apresenta um acto ínfimo, que lembra somente a inferioridade da nossa vida passada, não julgueis que essa lembrança será, na memória do arcanjo, aquilo que é hoje na memória dum homem do nosso planeta. A alma imortal, transfigurando-se, transfigura sem cessar sua memória, perfumando-a de seus perfumes.

Por que é, pois, que o poeta, o pensador, no derradeiro crepúsculo da vida, recolhe com uma piedosa comoção, e ressuscita com uma eloquente ternura, as acções, as reminiscências, as mais simples em aparência, e as mais insignificantes da sua mocidade? porquê? porque recopila o progresso de sua alma para o futuro, e retempera-o ao raio da sua imortalidade. Pela mesma razão, o homem de nossos dias continua a admirar a poesia infantil das primitivas idades da história. Como se lhe depara na leitura da antiguidade um rico teclado de sensações, sente, por consequência, mais que o poeta sentiu. Cria a obra, dalguma sorte, segunda vez, e adjudica voluntariamente ao obreiro primitivo a sua própria criação.

Ditosa ilusão do espírito humano, que, regenerando sem cessar a poesia passada ao foco vivo da sua sensibilidade, permite ao homem sempre admirar o que uma vez admirou. Assim, para nenhuma geração uma hora de poesia se perdeu.

Um justo vai morrer. Repousa no seu leito de agonia. Uma lâmpada bruxuleia à sua cabeceira. A pêndula secular de seus avós soa a sua hora derradeira, com esse grave som, que assemelha o som da eternidade. Sua filha, de joelhos, comprime em seus lábios a mão gelada do moribundo. Sente já descer-lhe nos olhares a sombra escura. No último pensamento retrospectivo, recapitulou toda a sua existência. Viu-lhe nessa rápida revista o número das virtudes. Prevenira-se contra as eventualidades do incógnito. E quando, curvado sobre ele, um amigo lhe pergunta como é esse momento de mistério, responde: «Sempre tranquilo.» Enfim, sua mão estremece pela última vez. O anjo da morte, passou. Passando, colheu a alma do justo. A lâmpada arde ainda. O ponteiro caminha sempre no mostrador.

E, depois, esse corpo sem alento torna-se sagrado, como se o dedo de Deus lhe tocasse. Dir-se-ia o altar, donde, extinto o sacrifício, a flama subiu à região celeste. Donde vem esse respeito à forma quebrada do homem, se o homem, no findar da vida, se desfaz em um pouco de fumo? Tal respeito é involuntário, imperioso, de todos os tempos, de todas as nações. Faz parte da alma

humana; nasceu com ela como um elemento constituinte da sua essência. Se é um erro, a alma é um erro também. É necessário escolher: ou o nada, ou o homem é uma mentira. A questão assim posta está resolvida. A imortalidade está provada.»

XIV

E portanto, eis-me aqui passando, como a larva, às novas formas de uma nova existência.

A minha alma é imortal! Sinto-me orgulhoso desta convicção à hora da morte!

As cortinas dum outro hemisfério vão ser-me erguidas!

Asseveram os sábios da terra que a sepultura é o cadinho onde os homens se purificam em anjos.

Mas a metamorfose é feita à custa de dores, O homem é coisa de condição deplorável, enquanto não despe o invólucro da carne para vestir-se da electricidade dos espíritos!

Bem puderas, meu Deus, correr, depressa, diante de meus olhos, esta última cortina da matéria!

Dá que eu deponha no barro o manto de vida, que o barro me deu, sem senti-lo cair a pedaços arrancados pela dor!

Eu quero ainda ver o mundo pelo prisma duma fantasia, que já não pode esgaldar-se no entusiasmo de poeta. A atmosfera da minha alma

é fria. O gelo do túmulo, como preexistência da morte, vai-me esfriando, fibra a fibra, as molas. que jogavam vertiginosamente impelidas pelo génio.

Se não fossem as contorções maquinais do corpo que se despedaça, eu quisera que a mórbida tranquilidade do meu espírito assim tivesse sido, no frenético decorrer da minha vida.

Disseram-me que o sintoma infalível da morte é a conformidade com ela.

Assim o juro com a mão sobre a consciência, que me manda resignar.

Estou tranquilo! Lances da minha vida, que ontem me azedavam as agonias, esqueceram-me hoje. A memória, que não pode acompanhar-me na transfiguração da eternidade, vai legando à terra as recordações da terra.....

Dá-se, neste momento, um drama sublime em minha alma. É o proémio do grande livro que não pode ler-se à luz da vida.

Se não fosse este cilício de espinhos, que me cinge o peito, deveria ser dos anjos o hossana de graças, que vem, dum mundo remoto, embalar-me o sonho do espírito.....

Esta mulher de vestes brancas, de faces pálidas, com o êxtase nos olhos, e a vibração da súplica nos lábios, é Júlia!

Cinge-lhe a fronte o resplendor duma santa!

Vejo, em torno dela, uma coreia de anjos, que esparzem flores, e entoam não sei que salmo, que

me não parece cântico, nem gemido, nem voz, nem silêncio, nem sonho, nem realidade.

É esta a minha última e a minha primeira visão dulcíssima sobre a terra.

Eis aqui o homem que Píndaro definira: eu sou o sonho duma sombra!

Júlia! O mundo era pequeno para nós. A poesia santa de nossas afeições asseverava-nos a imortalidade, que principia hoje.

Eu vejo-te ajoelhada no peristilo do santuário, onde o sonho da vida se converte em eucaristia perpétua no seio do Senhor.

Voaremos de mundo em mundo, impelidos pela mesma faísca eléctrica, embriagados da mesma taça de delícias, abraçados ao mesmo raio de luz dum sol, que lá deve estar em cima escondido nas profundezas do céu!

Quem te disse a ti, minha irmã de angústias, que o meu dia de amanhã será talvez a aurora da minha nova existência? Porque vieste agora só, meu fanal da morte, mostrar-me a luz de esperança, quando as sombras da dúvida me faziam terrível este fim?

Onde tens vivido até este instante, mágica aparição? Vens agora recordar-me que fui um homem de paixões arrojadas, e uma criança de ilusões loucas?

Que venham ao pé deste leito os infelizes da terra! Aqui ensina-se o desprezo de vida, e despreza-se a compaixão dos que ficam.

Quem morre assim não pode ser ateu.

O anjo do Senhor está sentado à cabeceira do agonizante.

As saudades do mundo, pouco a pouco, esvae-cidas, cedem a alma às esperanças da imortalidade.

Este prodígio não o podem fazer os homens. O moribundo não dominaria o espírito pela lógica da resignação.

Há um mês aterrava-me a ideia da mortalha, cuja sombra agora vejo com o sorriso do coração, e com as lágrimas benditas do reconhecimento.

Ê Deus! O homem não sabe senão ser mau. A desesperação na vida não pode ser nunca serena tranquilidade à hora da morte!

Uns morrem, abandonando-se à misericórdia divina. Ê tranquila a sua morte.

Outros expiram nos braços da ciência. Ê sublime o seu passamento.

Uns e outros são profetas da imortalidade, e eleitos do Senhor.....

Grande espírito! Mistério sem princípio, que principias em ti e em ti acabas!

DEUS! não afastes dos olhos de meu espírito este quadro que me enleva, esta esperança que me indemniza de quantas vi levadas na torrente das ilusões, onde a humanidade se perde e purifica para crer em vós!

Era no sonho febril dos meus rápidos instantes de repouso.

Tinham-me corrido tão suaves as horas da vigília!... Das regiões altíssimas da alma caí, algemado ao peso da matéria, neste mundo dos homens, neste bazar de vendilhões, em que a honra se vende por um punhado de lentilhas, e se compra por outro.

Em redor de mim estavam as sombras trémulas duma lâmpada. Além, com a face escondida entre as mãos, um amigo que contraí nos últimos dias da minha vida... Parecia chorar.

Chorar um homem!...

Ô suavíssima consolação das lágrimas! quem pudera merecer-te, à custa destas últimas agônias da vida!

Chorar um homem... é delirio no pranto espinhos, que o frenesi da desesperação não desencrava da alma!

Felizes são os que choram!... Experimentaste, ó Cristo, a felicidade das lágrimas! Aconselhas-te-as ao género humano, que remias daquela grande dor, que, antes de ti, não podia respirar a atmosfera dum céu em que falaste!

Quiseste, ó Cristo, fazer os homens bons pela compaixão; e conseguiste amaciar o coração da mulher, que lava com suas lágrimas muitas nódoas, degradantes ao género humano, indigno de ti, ó anjo da cruz e do resgate!

Ensinaste a sofrer e a chorar, filho da mais atribulada das mulheres! Há dezoito séculos que choraste; e a geração, que passa, vai deste horto de aflição e prece a buscar-te no mundo dos espíritos com as vivas reminiscências das tuas lágrimas!

A parte do mundo, que te adora, tem razão para adorar-te; porque foste tu quem pregou o sermão da montanha.

Foste tu, ó Nazareno, quem limpou na face da samaritana o escarro da afronta, e restaurou a dignidade perdida de Madalena!

A ti meus hinos de morte, a ti, mensageiro de Deus, que surgiste no dia das agonias do escravo, e disseste: «Felizes os que choram!»

XVI

Era, no sonhar febril dos meus rápidos instantes de repouso...

Encostada ao meu leito, com o ouvido acondicionado à minha respiração, com os olhos absorptos no estremecer das minhas pálpebras, Júlia esperava, na ansiedade aflitiva do receio, que eu abrisse os olhos para vê-la, e os lábios para balbuciar-lhe o adeus do caminhante, que vai primeiro atravessar os limbos da morte.

Acordei.

— A que vens, esposa do túmulo?

— Não é à beira do túmulo, é no limiar da

existência, que contraímos perante Deus, e a imagem do infinito, a mística união, que tem a eternidade por limite.

— E as torturas, e as violências, e os desconfortos, que levamos desta vida, serão o património... a riqueza de santas alegrias, que o dedo de Deus marcará com o selo da sua perpetuidade?... Fala, inspirada dos espíritos! abençoa as lágrimas... o incenso que queimaste nas lavaredas de uma paixão, que sacrificas a este ídolo de barro, a esta sociedade ulcerada no coração...

— Abençoada seja a hora em que amei, pois embora amargurada, e sem esperança aqui, este amor é a vida única do meu coração!... Bendita seja a mão de Deus, que lançou no fundo da minha alma este gérmen fecundo de sensações apaixonadas e ardentes, este manacial inesgotável de tão puros e suaves affectos...

— Que sentes, filha da amargura?

— A necessidade duma ventura imensa, e deslumbrante. O meu espírito concebe-a. É uma embriaguez deliciosa... O que eu sinto? Uma esperança frenética e delirante... Um desejo de morte, e de repouso... O sono entorpecido do espírito...

— Fada misteriosa, verbo dos anjos, profeta balbuciante, que vês além dos horizontes do túmulo?

— Irmãos pelos affectos e pelas dores profundas, professamos a mesma crença, comungamos às mãos do mesmo sacerdote: mas não é no in-

verno desabrido e gelado duma vida gasta e agonizante que nos encontramos. É durante o estio abrasador da paixão, com o coração a transbordar lágrimas e affectos, que repousaremos suavemente no seio de uma afeição tranquila e santa.

— Como é o teu amor, arcanjo das lágrimas?

— Um martírio na vida do tempo, e um mistério entre o meu coração e o Eterno! É uma planta maldita, que nasceu ignorada, e ignorada morrerá.

— E, portanto, tudo está consumado para nós sobre a terra?

— Tudo!

— Espera... Eu fui teu escravo longo tempo... Deves pagar a minha servidão com lágrimas... O túmulo que tas receba. Dizem que os cemitérios são mudos... Não creias, Júlia. Há segredos entre os vivos que chamam, com ansiosa fé, as sombras dos mortos. Se morresses, antes de mim, eu colaria os lábios na pedra avarenta de tuas cinzas! E tu virias, espírito arrojado, pelo rasto dos voos, que deixaste impressos no mundo, virias, ao som de meus lábios, e envolverias a minha fronte na dobra da tua mortalha!... Não me fujas!... Vieste, sacerdotiza de moribundos, murmurar-me ao ouvido as orações da agonia... Fala.....

XVII

Um sacerdote!

— Que me quereis, senhor?

— Uma alma contrita, e um adeus resignado ao mundo.

CONCLUSÃO

O dia dezanove das agonias de *** era o quarto dia do mês de Abril de 1851.

A noite do dia três não permitiu duvidar da sua próxima morte. Queixou-se, ao escurecer, duma dor lancinante, que lhe cortava os tecidos do peito. A febre enrustara-lhe os lábios dum roxo escuro, semelhante à putrefacção duma ferida. A respiração, convulsa e acelerada, arfava-lhe as paredes torácicas com estos violentísimos. Uma hora depois, a transpiração cessou; o enfermo revolvía-se no leito, como se encontrasse um espinho em cada ponto de apoio.

Mandaram-lhe um sacerdote para junto da cruz que sua irmã lhe pusera à cabeceira do leito.

A majestade fúnebre daquelle trance imprimia nas vestes do levita carácter de tremendo mistério, que só um agonizante poderá avaliá-lo à luz da eternidade.

Era tudo sublime ali naquelle quarto! O moribundo é grande e sublime nos fins da vida, quando mais se revela a debilidade de suas forças, a miséria de seus orgulhos, a mesquinhez da sua condição.....

— Padre — exclamou o enfermo com o esforço de vontade, que já não pode imperar no maquinismo da voz — padre!... esta morte, assim trabalhosa, é... como foi toda a minha vida... Que mais quer que eu lhe diga?...

— Não sente em si alguma coisa invulnerável aos golpes, que lhe retalham o corpo?... Não vê que o espírito, no desprender-se dos fios, que o prendem à matéria, é ainda um ente que recorda as tormentas passadas, os naufrágios da vida? Não se sente imortal quando os órgãos da vida se dissolvem?

— Sinto... sinto... Eu já sabia que era imortal... O que eu não sei... tentação vã!... quem mo poderá dizer nesta vida?!...

— O quê, senhor?

— O segredo da imortalidade...

— Eu.

— É um homem que mo diz...

— E o mais humilde, e o mais ignorante dos homens... Não são estes hábitos que me fazem o intérprete da linguagem muda do seu destino. Não é o padre que lhe profetiza o segredo da imortalidade: é o homem, que consulta o oráculo da consciência... é o seu irmão de amarguras, que procura, no fundo da sepultura, à lâmpada da inteligência, a metamorfose do homem...

— Fale... fale... que me adormece estas dores dilacerantes... Se tem a inspiração de Deus, não me esconda os segredos do meu destino... Eu tenho uma esperança... se ela é mentirosa... não

ma desvaneça... Oh! diga-me que eu posso encontrá-la ainda... voar com ela nos turbilhões dos mundos... Padre! não há porventura mundo... não há estrela, onde se encontrem duas almas, que este mundo varou com o mesmo punhal, que este deserto deixou ressequir na mesma sede... que este inferno queimou com a mesma lava-reda?... Não há, padre!... não há uma providência, pregoada por todas as religiões, revelada e adorada por todos os sacerdotes... uma justiça eterna, que recompense com eternas alegrias os martírios aqui suportados, as leis malditas aqui obedecidas, as taças de fel aqui devoradas no silêncio... Não há, padre?... E, pois, mentira a minha esperança?... depois do inferno da vida... vem o inferno do nada?...

O sacerdote quisera logo responder, mas não o deixou a torrente da rápida exclamação. O agonizante, exaltado a ímpetos de frenesi, descaiu na imobilidade duma anemia semelhante à serenidade do cadáver. Fecharam-se-lhe os olhos, exsudaram-lhe bagas frias na testa incendiada, e os lábios entreabertos coavam uma respiração quase imperceptível.

O padre ajoelhou: os que estavam ali, sentiram-se comovidos, e ajoelharam-se, sem fé, obrigados por impulso misterioso.

O tísico permaneceu assim duas horas.

No despertar, soltou um como rugido semelhante ao ranger das costelas que se lhe partiam.

A respiração cavernosa ressoava, e parecia sufo-cá-lo a cada instante.

O ouvido, aplicado aos lábios, escutava um ruído tumultuoso, uma dissonância indefinível de sons na região do coração. Dir-se-ia que duas forças, morte e vida, se despedaçavam ali em dolorosa repugnância.

O moribundo nesse dia, parece que detestava os entes mais amados nos seus últimos dias. Repelia, com as feições descompostas e com trejeitos horríveis, as pessoas que o consolavam com palavras fúteis, naqueles trances em que Deus parece abandonar o homem. Sangraram-no. Foram rápidas as melhoras. O infeliz perguntava se dali até à morte lhe era permitido confiar no remanso de alívio que estava gozando. O médico, com imperturbável placidez, respondeu-lhe que sim.

Tranquilo, nada alterado na fisionomia, livre na respiração, sonoro na palavra, e recostado em dois travesseiros, sem o menor constrangimento, assim principiou o último dia daquele homem, que não devera ter conhecido o primeiro.

O sacerdote não o abandonara um instante.

Sua irmã, com o forçado sorriso da forçada esperança, animava-o a esperar do Altíssimo a sua saúde.

O agonizante sorria-se.

As nove horas da manhã, pediu ao sacerdote que ficasse a sós com ele.

Ficou.

As lágrimas, choradas no coração do ministro de Deus, são como as lágrimas vertidas no oceano: apenas derramadas, confundem-se, e perdem-se. Só Deus as estrema.

E ninguém dirá o que se passou aí nesse quarto!...

O sacerdote, quando voltava para os que, na antecâmara, discutiam aquela cena imprevista, trazia o rosto banhado de lágrimas, e ao passar pela irmã do moribundo, murmurou:

«Jesus, o Salvador, triunfou!»

Entraram. Viram um rosto sereno... sereno de mais... Estava morto.

F I M

In Um Livro, de Camilo Castelo Branco.